

O ser-no-mundo com os outros e o desamparo constitutivo: como preparar os caminhos para novos começos, nova destinação do ser ?

Iaraci Fernandes Advíncula*

Resumo

O presente trabalho objetiva articular as questões enfatizadas por Heidegger de que o homem seria o *ente* privilegiado, no sentido de que seria o único que teria a tarefa e a responsabilidade de ser, com a proposta das experiências dos Grandes Grupos Intensivos, também chamadas de vivências em comunidade, movimentos criados e desenvolvidos nos Estados Unidos por Carl Rogers e colaboradores e disseminados por várias partes do mundo. O objetivo dessas experiências é *descobrir possibilidades criativas de desenvolvimento, novas e mais satisfatórias, de viver na relação consigo mesmo e com os demais*.

Em princípio, focaliza-se a Ontologia Fundamental proposta por Heidegger como um estudo não metafísico do problema do ser em contraposição à metafísica ocidental, que se caracterizaria pelo esquecimento do *sentido do ser*. Com essa tarefa, Heidegger pretendia dar ***nova destinação ao ser, pensando o impensado*** e desta maneira preparando novos caminhos, que era só o que se podia fazer: ***preparar os caminhos para novos começos***.

A questão que se coloca é: poderiam as experiências em *grandes grupos* ser pensadas como preparação de um caminho possível, para um novo começo, nova destinação do ser?

Em seguida, tenta-se demonstrar essa articulação, exemplificando como tais eventos se constituem de intensas experiências de grupo, onde os rituais costumeiros do cotidiano são desestabilizados por acontecimentos que não encontram correspondência nas representações até então construídas.

Vivencia-se, nessas situações, o “caos enlouquecedor,” e parece, que por isso, as experiências dos Grandes Grupos Intensivos podem ser pensadas como um exemplo de experiências que possibilitam um acesso máximo à verdade experiencial.

Finalmente, conclui-se, aventando que essas experiências criam situações favorecedoras para se verificar a *afetabilidade* humana como condição primeira de compreensibilidade.

Palavras-chave: ser-no-mundo, grandes grupos intensivos, nova destinação do ser, afetabilidade, compreensibilidade.

Abstract

This paper envisages the articulation of issues emphasized by Heidegger in that human being is said to be the privileged being, that is, the only one with the task and responsibility for being according to the proposition of the experiences of Intensive Big Groups, also called living in community. These were movements created and developed in the United States by Carl Rogers and his collaborators and then spread all over the world. These experiences aim at finding new and better creative possibilities to develop a way to live in relationship to oneself and the other. In principle, the paper focuses on the Fundamental Ontology proposed by Heidegger as a non-metaphysical study of the problem of being as opposed to the Western metaphysics, characterized by forgetting the meaning of being. With this task Heidegger intended to give a new destination to being, thinking the unthinkable and, in this way, preparing new ways in the only fashion possible: to prepare ways for new beginnings.

The question is: Could the big group experiences be thought of as preparation of a possible way, to a new beginning, a new destination of being?

*Professora-assistente do Departamento de Psicologia e Mestranda em Psicologia Clínica, da Universidade Católica de Pernambuco, Novembro, 1999



Then an attempt is made to demonstrate this articulation by exemplifying how these events are intense group experiences in which common daily rituals are unbalanced by other events that do not correspond to representations which have been constructed up to then.

In these situations “maddening chaos” is experienced and it seems therefore that experiences of the Intensive Big Groups may be thought of as an example of experiences that allow for maximum access to experiential truth. Finally, the conclusion is put forward of the possibility that these experiences create favorable situations to check human beings’ affability as a first condition of understanding.

Key words: being in the word, intensive big groups, new destination of being, affability, understanding.

1 - Introdução

Na sua obra fundamental intitulada *Ser e Tempo*, HEIDEGGER (1988)¹ enfatiza a condição da temporalidade do ser. O homem seria o *ente* privilegiado, no sentido de que seria o único que teria a tarefa e a responsabilidade de ser. Esse privilégio implica a aceitação do dom da existência. O homem é dotado do modo de ser da pre-sença, ou seja, é nele que se dá o ser. “(...) o homem é um ser voltado para fora (*ec-sistência*) e esse fora é o ser. Portanto, o homem é abertura originária ao ser, pre-compreensão do ser, procura de ser.” (VASQUEZ, 1999, p. 3)² Constata-se nessas assertivas a precariedade do existir humano que se constitui na aceitação da sua *ec-sistência*, do seu ser a ser.

A Ontologia Fundamental proposta por Heidegger seria um estudo não metafísico do problema do ser. A metafísica ocidental se caracterizaria, segundo Heidegger, pelo esquecimento do sentido do ser. Esse esquecimento se deu pela identificação prematura, nas origens gregas, do *ente* com o ser. Urge distinguir: uma coisa é o *ente*, e outra coisa é o ser do *ente*. ‘A tarefa da **desconstrução metafísica** consiste em repetir, retrospectivamente, toda a tradição metafísica, e pedir **de novo** a questão, para pensar o **impensado** e desta maneira preparar novos

caminhos — nova destinação do ser. Para Heidegger, é só o que podemos fazer: preparar os caminhos para novos começos’³.

O presente trabalho objetiva articular essas questões com a proposta das experiências dos Grandes Grupos Intensivos.

As experiências em grandes grupos, também chamadas de vivências em comunidade, foram movimentos criados e desenvolvidos nos Estados Unidos por Carl Rogers e colaboradores e disseminados por várias partes do mundo. Esses eventos constituem intensas experiências de grupo, onde uma grande quantidade de pessoas se reúnem, em lugares aprazíveis, próximos à natureza, durante um período determinado de tempo, permanecendo em total imersão nesse lugar e nessa vida. Nessas experiências, procura-se exercitar a aprendizagem de conviver com um número diversificado de pessoas e se exercita a aprendizagem de tomar decisões e de fazer escolhas, não só com a bagagem das referências anteriores, mas principalmente a partir das mudanças advindas dos acontecimentos que afetam a todos. Viver essas experiências nos aproxima de um contato muito íntimo com a realidade humana, com suas lutas e conflitos. O acolhimento e a contenção grupal que essas vivências possibilitam permitem a emergência de expressões afetivas normalmente contidas e escamoteadas nas situações cotidianas, e isso, muitas vezes, é estranho e assustador. A aprendizagem singular é lidar com a emergência dessas expressões e, sobretudo, lidar com a afetação que elas causam, deixando-se transformar.

O objetivo dessas experiências é descobrir possibilidades criativas de desenvolvimento, novas e mais satisfatórias, de viver na relação consigo mesmo e com os demais. A fonte produtora dessas descobertas são as vivências ocorridas durante aqueles dias, em decorrência do contato com a diversidade de pessoas e com o inusitado que aquela espécie de vida proporciona. O único acontecimento predeterminado nesses eventos é o encontro do grupão, cuja finalidade é permitir o fluir das emergências presentes, de onde se delinearão as outras atividades. Estas são atividades diversas, efetuadas de acordo com os interesses, as expectativas, as capacidades e as necessidades de cada um. Variam

desde atividades teóricas específicas, a grupos de vivências e momentos de lazer.

O *grupo* é o nome pelo qual é designado o momento em que todos os participantes do encontro se reúnem e a partir do qual surgem todas as deliberações das demais atividades do restante dos dias. É prevista a sua repetição diária, sem que isso represente uma imposição, por ser ele o reduto possibilitador da manifestação e captação das forças vitais emergentes ao longo dos acontecimentos de todos os dias.

A questão que se coloca é: poderiam as experiências em *grandes grupos* ser pensadas como preparação de um caminho possível para *um novo começo, nova destinação do ser*?

2. O ser-no-mundo-com-os-outros – a co-presença.

“Nós nunca chegamos aos pensamentos. Eles vêm a nós. É a hora conveniente para a conversação.” (HEIDEGGER, 1968, p.35.)⁴

A questão originária do pensamento é entender o que significa *ser*, e toda história do pensamento ocidental é tentar estabelecer em que consiste a relação de *ser e pensar*. Entender o que significa *ser* permanece para Heidegger, o tempo todo, o modo mais digno de ser pensado.

Na tradição filosófica, o modo de ser do homem foi caracterizado de forma negativa, em contraposição ao objeto. Sujeito e objeto foram concebidos como simples presenças, essências contrapostas. Essa noção de *simples presença* é inadequada para definir o *ser* das coisas e, principalmente, o *ser* do homem. Pela análise fenomenológica, Heidegger vai mostrar a inadequação desta interpretação. ‘*Antes de ser objetos as coisas são significados, pois aparecem enquanto tais, diante de um ente que é o homem que permite o ser aparecer*’.⁵

O homem só se compreende no mundo das coisas e dos outros *eus*. O modo de ser do homem é a existência – ‘*dasein*’ – que significa: *eis aí ser*. O homem está situado de maneira dinâmica, sempre no modo de *poder ser* ou na forma de *pro-jeto*. O homem está-aí como *ec-sistência*, situado no mundo concreto. O homem é, portanto, *ser-no-mundo*.

É preciso entender que *mundo* é uma dimensão constitutiva do próprio ‘*dasein*’. O homem é o seu mundo, na medida em que o mundo faz parte do seu próprio ser. A constituição existencial ontológica do *ser-no-mundo* implica nessa unidade irreduzível. ‘*Na existência não há partes, não há sujeitos e objetos, não há entes que se contrapõem e se relacionam como entes já constituídos e independentes. Antes de serem simples presenças, as coisas são para nós ‘instrumentos’. O que define as coisas não é serem objetos, mas a ‘prestabilidade’, isto é, o seu significado para a vida*’.⁶ É importante acrescentar que o *com* é uma determinação da *pre-sença*. Na base desse *ser-no-mundo* determinado pelo *com*, o mundo é sempre *mundo compartilhado com os outros*. Deduz-se, então, que a *pre-sença*, o *ser-em-si*, dentro do mundo destes outros é *co-presença*. *Ser-com-os-outros* não é uma possibilidade em si mesma, mas uma constituição ontológica.

A maneira heideggeriana de entender o mundo abala o conceito de realidade como *simples presença*. A objetividade é derivada da relação originária dos homens. A objetividade, a *simples presença*, é um modo de ser das coisas, parcial e derivado de uma operação do ‘*dasein*’. ‘*O ser das coisas está radical e, constitutivamente, em relação com o ser projetante do dasein*’⁷. Os discursos informam sobre as coisas e é através deles que o homem aprende a significá-las. *Estar-no-mundo* é estar significativamente familiarizado com uma rede de instrumentos. A instrumentalidade aparece, agora, não como um servir, mas como um *valer* para mim. A configuração desse *valer* vai processando-se através dos *signos* e através da *linguagem*. A morada, tanto do homem quanto do *ser*, é a *linguagem*. Mas é necessário que a *linguagem* volte para seu elemento, pois tanto ela quanto o *pensar* foram desvirtuados dos seus elementos e transformados em coisas. O elemento do *pensar* e da *linguagem* aparece primeiro e fundamentalmente como a *casa do ser*. A co-habitação do *ser* e do *pensar* do homem se dá nessa *casa do ser, clareira, habitação*. Todo tipo de conhecimento, toda iluminação são possíveis, porque o homem *habita na clareira do ser*. A *clareira* é que possibilita a *luz* e, por possibilitar a *luz*, possibilita, de modo semelhante, a *sombra*. A iluminação – revelação – só acontece no jogo do *claro e escuro*, de *luz e sombra*.



A palavra e o silêncio são a equivalência desse jogo no nível da linguagem. O homem é aquele que cuida do ser e, nesse sentido, ele é o pastor do ser. O que descreve mais radicalmente o modo de ser do homem é essa inserção na linguagem, na clareira, no pensar. Na concepção heideggeriana, toda perspectiva do conhecimento e da ação tem que estar nessa concepção de co-habitação do homem e do ser. ‘Ética do ter que ser e não do agir’⁸ convocando uma docilidade de escuta do apelo do ser, sem ter que apelar para o racional, pois já se sabe.

Para Heidegger, tanto o ser quanto o pensar pertencem ao mesmo. Há uma co-pertença do homem e do ser. O homem está entregue ao ser, e o ser está entregue ao homem com toda responsabilidade. O pensar e a linguagem têm a sua raiz na sua comum pertença. O que nos permite pensar e discursar é o mesmo; se não fosse essa comum pertença ao mesmo, nós não poderíamos compartilhar, discutir, opor.

O homem está no mundo como compreensão do ser e afetividade. O modo de ser do homem é o que permite que as coisas venham ao encontro, que as coisas se mostrem. Se não se mostram, não são. Há ser, porque há homem.

As coisas manifestam-se numa totalidade de significações. A compreensão tem uma estrutura circular, ou seja, o mundo nos é dado, porque já temos certo pré-juízo, que guia a descoberta das coisas. O verdadeiro é reconhecido, porque, de uma certa maneira, já o conhecemos. ‘Nós não procuraríamos a verdade se já não estivéssemos nela. Nós não procuraríamos ser, se não já fôssemos’.⁹

Na compreensão que o homem tem de si como ser-no-mundo, não há neutralidade afetiva. A afetividade é uma pré-compreensão mais originária que a compreensão. A presença imediata do mundo nos é dado afetivamente. A demonstração do mundo se verifica pela afetabilidade. Para Heidegger a afetabilidade é constitutiva e a intuição pura das coisas nunca captaria algo como sendo ameaçador. Para o conhecimento, portanto, é necessária a disposição afetiva fundamental.

‘Desde Heidegger, talvez se possa afirmar que a função última da linguagem seria preparar o silêncio’¹⁰. Silêncio como ausência de mostração. O silêncio seria enriquecido pela mostração a partir da compreensão.

“A linguagem(...) é o dizer que responde a interpelação do Ser sempre implícita na apreensão dos entes. (...) é, antes e primeiramente, silêncio da escuta para fazer-se palavra que responde.”(BEAINI,1981, p. 9)¹¹ E, na esteira do pensamento de HEIDEGGER (1967),¹² reiteramos: “Antes de falar o homem terá que deixar-se apelar pelo Ser mesmo, com o risco de sob tal apelo ter pouco ou raramente algo a dizer. Somente assim se restituirá à palavra a preciosidade de sua Essência, e, ao homem, a habitação para morar na Verdade do Ser”.(p. 34)

No tópico seguinte e a partir de descrições e reflexões sobre as experiências dos Grandes Grupos Intensivos, será, novamente, posta a questão: seriam essas experiências uma preparação de um caminho para um novo começo?

3. As experiências dos Grandes Grupos Intensivos e o contato com as forças vitais possibilitadoras do devir humano: preparação de um caminho possível para um novo começo?

Consigo visualizar a aldeia de Arcozelo, localizada no município de Miguel Pereira, onde a minha primeira experiência em Grande Grupo Intensivo ocorreu e que teve a duração de quinze dias. Lugar de natureza exuberante, com um anfiteatro ao ar livre, cercado de árvores altíssimas que quase se tocavam, formando uma abóbada natural em vários planos, onde se misturavam o verde das folhas e o azul do firmamento. As aberturas entre as árvores permitiam a passagem dos raios solares que se infiltravam em intensidades diferentes, possibilitando efeitos de luminosidade diversos no ar, no chão e nas folhas. Luz e sombra se harmonizavam, permitindo que o anfiteatro pudesse ser utilizado durante todos os momentos do dia, sem o incômodo do sol forte em pleno mês de verão. Aí aconteciam as reuniões do grupo.

No decorrer de duas semanas, permanecemos em Arcozelo, fazendo, entre outras coisas, pequenas incursões pela redondeza, com banhos de cachoeira e piqueniques ao ar livre. Esse foi o maior grupo do qual participei, em número de pessoas e em quantidade de dias. A duração, como já mencionada, foi de duas semanas, e o número

de participantes era de quase duzentos, oriundos de várias partes do país.

Foi num dos grupões, transcorridos durante aqueles dias, que aconteceu uma experiência desalojadora para mim. Estávamos reunidos, a maioria de nós já acomodados, outros ainda se acomodando, quando, de repente, um dos participantes ficou em pé, começou a falar alto e gesticular freneticamente. Assustei-me e fiquei olhando para ele, tentando entender o sentido da sua fala e dos seus gestos. No entanto, as suas palavras se transformavam em gritos, acompanhados de, cada vez, maior violência gestual. Subia e descia aqueles altos degraus desesperadamente. *O que era tudo aquilo, meu Deus??!! O que aquele homem estava querendo dizer? De quem ele sentia tanta raiva? Será que ele estava ficando louco? Mas, ele estava igualzinho a nós, minutos antes!!! Como pode???* À medida que me fazia essas perguntas, numa tentativa vã de restabelecer o meu entendimento diante de um acontecimento tão estranho e assustador, o medo ia apoderando-se de mim. E fiquei literalmente assustada, como uma criança diante da ameaça do monstro ou do “bicho papão”. Temia ser destruída. Precisava proteger-me. Lembro-me de que meu olhar desesperado procurou, entre aquelas pessoas presentes, alguém das minhas relações de intimidade a quem eu pudesse recorrer para sentir-me protegida.

Lá, em Arcozelo, entre aquelas quase duzentas pessoas, havia um bom número (trinta e poucas) que fazia parte do meu círculo de conhecimento. Algumas da minha faixa etária e outras bem mais velhas. Foi numa delas que encontrei o colo adequado para aninhar a minha dor. Não podia ser qualquer uma, tinha que fazer parte do meu mundo de afetos e precisava ser de ‘bom tamanho’ para que pudesse confiar que, com ela, eu estaria abrigada contra os terrores que me ameaçavam. Já aninhada e protegida, caí num pranto profundo. Em seguida, pude compartilhar todo o meu terror. Medos infantis me assolaram, antigos temores de enlouquecer ressurgiram na memória. Anos depois daqueles acontecimentos, fui tomada por um sentimento de ter criado estruturas outras que fortaleceram o meu ser para vivências semelhantes. Secretamente pensava que depois daquele, *nunca mais enlouqueceria...* Hoje sei, no entanto, que essa

garantia não posso ter, exatamente porque ‘o louco’, também, sou eu. Com o susto, daquele momento em Arcozelo, eu passei a ‘saber’ sobre a periculosidade da condição humana. *Foi a minha primeira vez ! A diferença é que, agora, eu já sei e, soube “(...) como as coisas vivas sabem: através do susto profundo.” (LISPECTOR,1992, p. 123).*¹³ E é esse susto que desassossega, que desarruma, enfim, que desaloja, que cria as possibilidades de o ser humano se apropriar de si e que lhe darão as condições para a criação de novas possibilidades de ser .

Num evento dessa ordem, que estou aqui tentando descrever, o desprendimento aos hábitos adquiridos tinha que ser exercitado a cada passo, desde mudar a hora do uso do banheiro de acordo com o fluxo da demanda coletiva, até aprender a dormir com pessoas com hábitos e costumes completamente diferentes do nosso. Muitas vezes, as camas de cima ou a do lado serviam como nossos guarda-roupas – “ (...) nossas roupas comuns dependuradas(...)”, já dizia o cancionero popular. A letra dessa música agora me surge na lembrança como a consciência de algo que assume uma perspectiva de compreender a vida de uma forma diversa da que eu podia compreender até então. Eu tinha saído de um mundo com uma determinada ordem e estava, nessas experiências, entrando em outro, cuja ordem escapava à minha capacidade de entendimento. No entanto, era essa ‘desordem’ ou a falta da ordem costumeira que me fazia experimentar sensações nunca antes experimentada. Não só eu experimentava essas estranhas e diversas sensações, como via e percebia os outros também sentindo e expressando. Eram sensações que tínhamos aprendido a não manifestar em público ou, muitas vezes, eram totalmente inusitadas.

“Num certo sentido, estes eventos não são nada além de versões comprimidas de vida real. As pessoas vivem o drama de uma vida em poucos dias. As formas, segundo as quais reagimos uns aos outros, as emoções, as regras que estabelecemos, as diferenças, os rituais, a formação de casais, a competição, fazem parte de nossa vida real. (...) Em inúmeras ocorrências, tanto sábias quanto tolas, o padrão da vida normal repete-se com uma similaridade angustiante. Egoísmo e boas ações, freqüentemente escondem-se por trás de rótulos grandiosos: crescimento pessoal, poder pessoal, espiritualidade, cooperação mundial. Ca-



samento e divórcio, desapontamento, ganância, inveja e todos os demais dramas dos relacionamentos florescem na vida comunitária do grupo. Os participantes (...) juntos lutam, trapaceiam, mentem, competem, manipulam, enlouquecem, pensam, ajudam, se sacrificam, amam, tornam-se amigos, brincam, criam, e transcendem as habilidades comuns e as aptidões. (...) está repleto(...) de pessoas buscando superficialmente a certeza. (...) Queremos melhorar com pouco esforço. Queremos atingir mistérios que não somos capazes de produzir. (...) nossa luta constante por perfeição, (...) sem dúvida ajudam a impedir o ser. Somos freqüentemente bloqueados de alcançar o desenvolvimento que desejamos, por ficarmos presos num ciclo de dar, receber, e querer. Com a melhor das intenções, as pessoas, no início, (...) rejeitam umas às outras, a fim de receber a atenção e o respeito que julgam necessitar. Quando as coisas vão bem, damos tapinhas amigáveis nas costas uns dos outros; quando não acontecem como queremos, nos acusamos mutuamente. Todos os problemas da comunidade mundial estão presentes (...). A experiência é cheia de contradições e surpresas. Quem acreditaria que o simples ato de falar com outra pessoa poderia ser uma atividade tão opressiva e frustrante? (...) Cada novo dia traz a sua própria medida de confusão e surpresas.(...) Por outro lado, de um monte de entulhos, amor, sabedoria e beleza também florescem. Com muita dificuldade, começamos a compreender nossas diferenças externas. Com grande esforço, descobrimos nossas semelhanças (...). Lutamos para descobrir maneiras de nos tornarmos seres humanos melhores, ao estarmos com outros seres humanos. Tentamos encontrar um tipo de sabedoria dentro de nós. E, algumas vezes, conseguimos. Embora a loucura se apresente, o grupo é capaz de enfrentar esta crise com uma sabedoria curativa. A comunidade cria uma medicina feita de cuidados e bom humor. Ela é capaz de rir de seus ídolos, de suas tolices, e dos dogmas inevitavelmente estabelecidos coletivamente.

Em algum ponto(suponho que devido ao fato da razão não penetrar no irracional), as opiniões e os pensamentos estritamente intelectuais são colocados de lado. O emocionalismo que floresce primeiro, abre caminho para a intuição e um sentimento de unicidade se desenvolve entre os membros da comunidade. Puxar e empurrar, debater com intensidade, expressar idéias e sentimentos, passam a caracterizar um processo de tomada de decisão, que não conduz a decisões democráticas, mas ações sábias. O grupo não adota um método orgânico de governo consensual; por

um determinado período, a própria comunidade torna-se um ser orgânico. Nestes momentos, os indivíduos, tais como fragmentos de lentes de um par de óculos quebrados, fitam-se uns aos outros, a partir de seus próprios lugares, formando um espelho completo, inteiro, que reflete cada pessoa com total realismo. O todo não apenas reflete, mas tem um efeito peculiar, sobre cada indivíduo. (...) tal como partes de um holograma, projetam a comunidade em sua totalidade. A leitura do mundo privado de alguém é também uma leitura do grupo todo. Vislumbrar a consciência do grupo equivale a penetrar o mundo privado de um participante. A consciência individual torna-se equivalente ao todo. Cada atividade bem sucedida da comunidade nutre a todos com criatividade, crescimento interno e promove cooperação orgânica entre seus membros.

(...)

O que se pode concluir deste tipo de evento? Ele se constitui num microscópio para se olhar a espécie humana trabalhando por sua evolução, desenvolvendo novas capacidades de percepção e comunicação, para adequar-se e engajar-se num mundo em constante mudança?(...) Não compete a nós possuir a certeza deste conhecimento. (...) Nas sombras de emoção, das sensações, da imaginação, tasteamos o novo. Nosso método: esperar e testemunhar.(...)” (WOOD, in: CURY, 1993, p. 162-167)¹⁴

Vivencia-se, nessas situações, o “caos enlouquecedor” e parece que, por isso, as experiências dos Grandes Grupos Intensivos podem ser pensadas como um exemplo de experiências que possibilitam um acesso máximo à verdade experiencial. ‘A iluminação – revelação — só acontece, no jogo do claro e escuro, de luz e sombra.’¹⁵ Os rituais costumeiros do cotidiano são desestabilizados por acontecimentos que não encontram correspondência nas representações até então construídas. “A linguagem(...)é, antes e primeiramente, silêncio da escuta para fazer-se palavra que responde.” (BEAINI, 1981, p. 9).¹⁶

“Realmente participar dos encontros causa mudanças. Senti isso quando fui para o Fórum no RS e agora volto a sentir mais forte. Os outros encontros dos quais participei, não menos importantes, não me causaram tão grandes mudanças quanto estes. Tanta coisa aconteceu (...) que eu, ao chegar em casa, não sabia direito onde era o meu quarto, achava

estranha a minha casa, os meus objetos. A sensação primeira foi de vazio, algo faltava, teria sido perdido?... Depois vem a sensação de reconhecimento (do quarto, dos objetos, dos espaços) e percebi que poderia estar me reencontrando, ou, quem sabe, me encontrando.¹⁷

A configuração grupal, constituída pela presença de pessoas que, *na sua coragem de ser*, são capazes de renunciar às defesas para se expor às forças vitais, oferece o *holding* necessário para a contenção da loucura e para o ato criativo. ‘O homem é aquele que cuida do ser, e neste sentido ele é o pastor do ser. (...) Convocando uma docilidade de escuta do apelo do ser, sem ter que apelar para o racional, pois já se sabe’¹⁸

“A experiência do grupão, no Encontro em Canela, Rio Grande do Sul, outubro, 1997 por ocasião do II Fórum Brasileiro, se caracterizou como uma das mais fortes de que participei. Nele foram experimentados emoções em intensidades diversas, confrontos variados e violentos. Encontros e desencontros se mesclaram desordenadamente. Momentos havia em que parecia que submergiríamos no caos. A configuração grupal aconteceu possibilitada, principalmente, por algumas pessoas significativas que, na sua coragem de ser, conseguem, com a simples presença, criar uma contenção, para daí, então ensinar, em todos, a formação de sentidos. Algumas das pessoas que no Encontro do México tinham se ressentido com a diferença e com o estranho e tinham deduzido que as condições oferecidas lá eram as propiciadoras de situações daquela ordem, estavam, agora em Canela, experimentando situações semelhantes. Imagino que devem ter ficado estarecidas, ao constatar, apesar do controle que ali pensavam poder oferecer, que nada adiantava pôr em prática os princípios da teoria, diante dos acontecimentos que excediam as medidas. Os dados da vida estão a exigir novos redesenhamentos à teoria.”¹⁹

‘Na concepção heideggeriana, toda perspectiva do conhecimento e da ação tem que estar nesta concepção de co-habitação do homem e do ser. ‘Ética do ter que ser e não do agir’²⁰.’

Nesses grupos “se rompem os hábitos e rotinas que encobrem (...) as alteridades de si” e se criam condições para se estabelecerem “(...)espaços de uma escuta desentrevada do que em mim não é eu,(...)”. (FIGUEIREDO, 1995, p. 50)²¹ Essas são experiências singulares de descentramento pelo que possibilita de encontro com o *estranho-em-nós*. Conjecturo que essas experiências possibilitam a recuperação do elemento fundante da *linguagem* e do *pensamento* – a *casa do ser* –, conforme pontifica Heidegger.

“ Os momentos mais mobilizadores dos grupões vinham à minha mente como flashes. Será que tinha vivido aquilo mesmo? Perguntava-me.

Algumas coisas foram boas (mesmos tendo sido dolorosas), mas outras coisas me fizeram questionar sobre uma possível dicotomia entre nossa teoria e nossa prática (principalmente de vida). Choquei-me sim com as atitudes violentas.”²²

Penso que lá as “grossas artilharias metapsicológicas abrem espaço no cotidiano reassurador e nos remetem de volta à original estranheza de ‘ser-no-mundo’ como ser lançado enquanto um não sentir-se em casa”. (FIGUEIREDO, 1995, p. 50).²³

Acho, também, que posso pensar os grandes grupos como uma experiência ímpar de ‘desalojamento do eu’ pela alteridade do outro, pois, nessas vivências, experimentam-se radicalmente a multiplicidade e a diferença.

“Como você disse, Sônia, eu não preciso ser insana nem violenta para ser real. E nesse momento eu lembro de algo que a gente prega: respeito. Não quero magoar ninguém, mesmo porque não faz parte de mim. Mas quero que nós passemos a nos dar conta de que até que ponto estamos adotando na vida, nos grupos e em outros contextos, o respeito? Ter raiva faz parte do ser humano, gritar, esperar também, magoar também... Muita coisa ruim também...(...) Talvez eu ainda não tenha me encontrado o suficiente para escrever aqui, agora. Por isso já passei duas semanas querendo escrever e não conseguia fazer uma linha.



Acho que os grupos devem ser espaços de encontros e desencontros, de alegrias e tristezas, de amor. E quando digo amor, penso no respeito, e aí eu senti que isso nem sempre ocorreu. (...)”²⁴

Finalmente, é possível aventar que essas experiências criam situações favorecedoras para se verificar a *afetabilidade* humana como condição primeira de compreensibilidade, concluindo que “*Antes de falar o homem terá que deixar-se apelar pelo Ser mesmo, com o risco de sob tal apelo ter pouco ou raramente algo a dizer.*” (HEIDEGGER, 1967, p. 34)²⁵.

Claro fica que essas experiências possibilitam a preparação dos caminhos para *nova destinação do ser*, na medida em que a configuração grupal enseja situações para que *a linguagem cumpra a sua função própria de preparar o silêncio* e, assim, restituir “*(...) à palavra a preciosidade de sua essência, e, ao homem, a habitação para morar na Verdade do Ser.*” (HEIDEGGER, 1967, p. 34).²⁶

NOTAS

¹ HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes, 1988.

² VASQUEZ, J. T. *Angústia e Desamparo numa Perspectiva Heideggeriana* Texto apresentado no V Fórum Brasileiro de Psicanálise: *Psicanálise e Desamparo*, Recife, 17 a 20 de junho de 1999.

³ Notas de aula na Disciplina *Fundamentos Filosóficos Da Clínica Fenomenológica Existencial*, ministrada pelo Professor Jesus VASQUEZ, no Mestrado de Psicologia Clínica da UNICAP, julho de 1999.

⁴ HEIDEGGER, M. *Da Experiência do Pensar*, Porto Alegre: Globo, 1968.

⁵ Notas de aula na Disciplina *Fundamentos Filosóficos Da Clínica Fenomenológica Existencial*, ministrada pelo Professor Jesus VASQUEZ, no Mestrado de Psicologia Clínica da UNICAP, julho de 1999.

⁶ Ibidem nota 5

⁷ Ibidem nota 5 e 6.

⁸ Notas de aula na Disciplina *Fundamentos Filosóficos Da Clínica Fenomenológica Existencial*, ministrada pelo Professor Jesus VASQUEZ, no Mestrado de Psicologia Clínica da UNICAP, julho de 1999.

⁹ Ibidem, nota 8.

¹⁰ Ibidem, nota 8 e 9.

¹¹ BEAINI, Thais Curi. *À Escuta do Silêncio: um estudo sobre a linguagem no pensamento de Heidegger*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1981.

¹² HEIDEGGER, M. *Sobre o Humanismo*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

¹³ LISPECTOR, C. *A Legião Estrangeira*, In: LISPECTOR, C. *A Legião Estrangeira*, São Paulo: Siciliano, 1992, p. 121-136.

¹⁴ WOOD, J. Trechos do *Diário de Bordo*, com reflexões sobre os processos envolvidos nos encontros de comunidade realizados durante sete anos, na década de setenta, por Carl Rogers e colaboradores, In: V. Cury, *Abordagem Centrada na Pessoa: um estudo sobre as implicações dos trabalhos com Grupos Intensivos para a Terapia Centrada no Cliente*, Tese de Doutorado, Universidade de Campinas, Campinas, São Paulo, 1993.

¹⁵ Notas de aula na Disciplina *Fundamentos Filosóficos Da Clínica Fenomenológica Existencial*, ministrada pelo Professor Jesus VASQUEZ, no Mestrado de Psicologia Clínica da UNICAP, julho de 1999.

¹⁶ BEAINI, Thais Curi. *À Escuta do Silêncio: um estudo sobre a linguagem no pensamento de Heidegger*. São Paulo: Cortez, 1981.

- ¹⁷ Texto apresentado, via Internet, por uma participante após a sua experiência num *Grande Grupo Intensivo*, maio, 1999.
- ¹⁸ Ibidem nota 15.
- ¹⁹ Texto de minha autoria quando da elaboração do meu *percurso*, março, 1999.
- ²⁰ Notas de aula na Disciplina *Fundamentos Filosóficos Da Clínica Fenomenológica Existencial*, ministrada pelo Professor Jesus VASQUEZ, no Mestrado de Psicologia Clínica da UNICAP, julho de 1999.
- ²¹ FIGUEIREDO, L.C. *Heidegger e a Psicanálise: Encontros*. Comunicação apresentada na Mesa-redonda “*Heidegger e a psicanálise*” no Colóquio Heidegger, promovido pelo Núcleo de Pesquisas das Práticas Clínicas da Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP em novembro de 1995. p. 39-51.
- ²² Texto apresentado, via Internet, por uma participante após a sua experiência num *Grande Grupo Intensivo*, maio, 1999.
- ²³ Ibidem, nota 21.
- ²⁴ Texto apresentado, via Internet, por uma participante após a sua experiência num *Grande Grupo Intensivo*, maio, 1999.
- ²⁵ HEIDEGGER, M. *Sobre o Humanismo*, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- ²⁶ Ibidem nota 25.

